

JORNAL DAS SENHORAS.

JORNAL DA BOA COMPANHIA.

Modas, Litteratura, Bellas-Artes e Theatros.

O programma e condições deste jornal encontrão-se na ultima pagina da capa.

CHRONICA DOS SALÕES.



Eis-me com as minhas amáveis e queridas leitoras, a contar-lhes muitas cousas que se passarão por estes dias. Uma alegre recordação sempre traz de novo os prazeres que fruimos, e se na semana, que finda-se hoje, o nosso *mundo elegante* teve muitissimos divertimentos, recordal-os, e sorri-lhe novas emoções, é produzir-lhe novos encantos e por isso vamos-nos intrerter um pouco com o que se tem passado de mais interessante.

Out'ora a festa do Espirito Santo era entre nós uma festa alegre, com os seus tres dias santificados e guardados, em que o descanso do trabalho diario, e os gozos de milhares de prazeres, fazião com que tal festa fosse desejada e festejada; hoje porém consistê essa recordação do passado em um só dia — em um domingo, que sendo igual aos outros, nada tem de notavel, e passaria de certo desaperecebido se não fossem o *prosaico* imperio e oleilão do Divino com as barracas do Campo de S. Anna. E o que ha por ahí de mais monotonno do que um passeio ao Campo a vêr barracas, cavallinhos e theatrihu de Telles? E no entanto é forçoso confessar que a affluencia foi extraordinaria. Na noite de domingo, e na de terça-feira, em que ardeu um pessimo fogo artificial, o povo em massa concorreu ás barracas, e naquella aonde trabalhou uma companhia equestre, ou cavallinhos, houve luzida e brilhante sociedade, distinguindo-se muitas das principaes familias. La para a Igreja da Lapa também houvê sua concorren-

cia, mas em menor escála. E em quanto esta affluencia se dá para as barracas do Campo, os nossos salões como que ainda não se elevarão áquelle grão de viva animação, áquelle febre que o mez de junho requer. Por este tempo, em outros annos, os nossos salões gozavão outra vida, outras risoulhas emoções de prazeres e encantos que davão ao coração uma vida celestial; no entanto que hoje ha brilhante existencia, mas sem a verdadeira animação. Mas querem as minhas queridas leitoras saberem a razão d'isto? Aposto que já advinhão?... Pois se não advinhão eu lhes digo: — é a falta do baile do *Cassino Fluminense* — Este baile é sempre a guarda avançada do inverno; o signal para a conquista dos salões; este anno porém elle se tem demorado, e isto tem feito com que o furor dos bailes ainda não apparecesse. Comtudo as nossas amáveis e elegantes dõ tom não se desanimem, porque se me diz muito em segredo, que por todo este mez o *Cassino* dá o seu primeiro baile, e então veremos como a febre se desenvolve. Já o *Club* annunciou o seu primeiro baile de estação para o dia 17: as Sociedades de Beneficencia Portugueza e Franceza seguirão apòz o do *Cassino*. Que de noites tão bellas não teremos a gozar! Como não sonharemos já com todos esses encantos e prazeres que nos esperão?...

E esta? estou aqui a *tagarellar*; (deixem passar o termo que é agora parlamentar) no entanto que prometti contar o que se passou na semana, e po-

ora nada. Mas, também não tenho pressa; lá diz o adagio de *vagar se vai ao longe, e bem tolo é quem se mata*; e por isso vou de vagar que chegaremos ao fim.

No sabbado instalou-se no salão da *Vestal* uma nova Sociedade bailante, que tomando o nome de *Apollinea*, promete uma longa vida. A sua primeira reunião não esteve má; muita moça bonita, muito *toilette* de gosto, e muita animação. Nessa mesma noite a *Herminia de Nietheroy* deu seu baile na sua bella e espaçosa casa; e, como sempre, houve brilhante concorrência. Os dous *toilettes rozas* forão as moças mais bellas que estiverão no salão, principalmente a *Jovem Argentina*; isto na opinião de alguns; outros querião que fosse o *toilette preto*, que é uma das mimosas flores que habita *Nietheroy*; cá por mim não posso nada dizer acerca disto, por que lá não estive, e se estivera emittiria minha franca opinião como costume.

No domingo houve uma corrida particular no *Prado Fluminense*. Parece-me que já estão cortando-me na pelle, e dando bem boas risadinhas sobre o eu fallar de corridas de cavallos na *Chronica dos Salões*; e que alguma das minhas amiguinhas com o seu sorriso zombeteiro está dizendo:

— Que disparate! Tomara saber que paridade existe entre corridas de cavallos, e o movimento do mundo elegante nos nossos salões!

— Ora esta é boa: Se á corrida concorre tudo quanto ha de elegante; se as nossas bellas para lá vão abrilhantar a reunião, como deixar de mencioná-la na *Chronica*? Além de que a corrida de domingo, foi feita por moços distinctos, que convidarão tudo quanto ha de elegante na Sociedade do Rio de Janeiro para tomarem luzida a reunião, e assistirem ao seu divertimento todo particular, que esteve o mais bello possível. As corridas forão feitas na melhor ordem: Suas Magestades Imperiaes estiverão presentes, e extraordinario numero de espectadores; e os vencedores ao receber os premios, agradecerão ás muitas bellas que lá estavam, os seus sorrisos de applausos.

Mas se commetti grande disparate fallando nessa corrida, o dito por não dito; esqueçamo-nos de tudo, menos de um rosinho de anjo vendado pela renda de blonde de um chapéo preto com fitas encarnadas, que á direita da archibancada, teve tantos suspiros com essa corrida.

Esta semana também tem havido bastantes *soirées*. Domingo, na rua do Lavradio, por occasião de uns annos, reunirão-se os amigos e parentes do Sr. A. J. de S. Rego, e passou-se uma bella noite. Dançou-se e cantou-se com alegria propria de taes occasiões: foi uma funcção gaupa, pois que não faltarão lindas moças, para tornar o *soirée* do Sr. Rego muito primoroso, e por todos elogiado.

Pelo Café também houve no lindissimo salão, bastante concorrido e bem animado.

E' verdade, ia me esquecendo contar-vos que o theatro de S. Pedro de Alcantara, deu dous bailes mascarados, um no sabbado e outro no domingo. Isto de *masque* fóra de carnaval; são fructas fóra de tempo, e o povo não quer aceitar semelhante divertimento, que assim, da maneira porque vai, virá a cair, e ha de sempre acontecer, como agora, que estiverão frios, sem enthusiasmo, e inteiramente aborrecidos. Se pelo carnaval pouco ou nenhum espirito apparece nos bailes dos theatros, poucos ou nenhuns costumes se vêem que mereção uma distincção honrosa; muito menos agora que o povo não tem influencia; e os bailes mascarados morrem, como os dous ultimos.

O antigo *Provisorio*, e hoje *permanente Lyrico fluminense*, abriu de novo as suas portas. Já lá vai o susto e os terrores. O theatro está *são* como um pêro; o respeitavel publico porém anda um pouco desconfiado; verdade é que não é das melhores cousas morrer a gente assim como ratos ou baratas; mas os Srs. engenheiros, segurarão as nossas vidas, e não deve haver medo.

Um destes dias disserão-me que eu fallava muito, e que era uma formidavel abelhuda. Ora, como a graça foi dita por uma minha amiguinha do coração, que por signal é linda como os amores, e que mais linda ainda se torna quando está com seus arruños, como em certo domingo lá em S. Christovão; eu tolerei a graça; mas fiquei sempre um pouco desconfiada que não me julguem todos por ahí da mesma maneira. E quem sabe! Que dizem as minhas queridas leitoras? Pelo sim, pelo não, será bom que ás vezes não falle tanto; por exemplo, hoje já tenho fallado muito, não é assim? Pois então basta.

Francina Osenia.

MIRANDA DE ARAÇÃO.

(Historia da Inquisição.)

(Continuado do n.º 22.)

Havia alguns annos que Henrique de Saint-Lorent vivia tranquillo e feliz com a sua esposa, inscientes do espirito maligno que forcejava por descobri-los e effectuar sua ruina. Julgando que Miranda era morto, cedêrão ao irresistivel desejo que os possuia de visitar a Hespanha, Mira porque esperava encontrar sua mãe, e Henrique porque promettera entregar a Isabel o anel daquelle que a sepultura

cobria ha muitos annos. Chegando a Madrid, resolverão demorar-se ali algum tempo, para continuarem suas mutuas indagações. Um dia, passando pelo convento das Mercês, não pôde Mira despregar os olhos da entrada, e assegurou a seu marido que era este, e não outro, o convento onde costumava levá-la na sua infancia. Entrarão na igreja, e não tinham ali estado muito tempo, quando Henrique

sentiu que alguém lhe tocava na mão. Voltando o rosto, viu uma leiga do convento; olhou para ella com admiração, mas logo que o chamou familiarmente pelo nome, reconheceu, pela voz, que era a mãe de sua esposa. Mirá, que a conheceu também, mal ella abriu a boca, correu a abraçá-la e a dar-lhe o ternó nome de mãe! Mas Zagurina fez-o sahir logo da igreja, e só depois que os viu fóra é que se entregou ao prazer que lhe fazia experimentar tão feliz e inesperado encontro.

— Rendo mil graças a Deus, disse ella, por tornar a ver-vos; porém ide-vos, meus filhos! Tenho deveres sagrados a cumprir, dos quaes depende a vossa futura felicidade. Dizei-me onde morais, e amanhã irei ter convosco.

E despediu-os á pressa, pedindo-lhes que não sahisses mais de casa até que ella os visse.

Os ultimos fios da teia estavam quasi vididos; quiz a sorte que, poucos minutos depois de separarem-se, sahisse Miranda do palacio da inquisição, e que, passando por Henrique e sua esposa, os reconhecesse logo.

Miranda, pallido e tremulo, fitou seus olhos de basilisco nos dous esposos: a excessiva belleza de Mira, e o rosto alegre de seu marido, mostrão-lhe o muito que tinha perdido; a paixão que por tanto tempo abafára no peito e que agora despertava com redobrado vigor, excitou-a a tomar uma resolução terrível.

— Ah! estão elles! escapou-lhe dos pallidos labios, mas estão em meu poder!

Miranda deu um signal que a sua gente entendeu; antes que os desventurados esposos chegassem á casa, forão agarrados pelos familiares do santo officio, e antes de poderem adivinhar o que delles se exigia, as portas de ferro de masmorras separadas tinhão-se fechado sobre elles.

No sentido mais lato do seu tremendo poder, jurou Miranda a perdação de almas! O amor que elle sentira não se tornaria em illusão impunemente: ninguém; sem elle ser vingado, o roubaria da sua felicidade! Os dous entes innocentes forão entregues ao juizo da inquisição. Miranda apressou o seu julgamento. O crime principal de que Mira era accusada, era o de ser filha de uma infame judia, e de ter seduzido Henrique a despozal-a e iniciar-se nas suas praticas blasphematorias. Como não podião negar que tinhão visto Zagurina com os trajes de judia, nenhuma outra prova era necessaria. Forão julgados criminosos e os seus nomes inscriptos na lista dos condemnados á morte.

Miranda embebia-se no prazer insolito que lhe causava a desesperação das suas victimas. Aos desgraçados esposos estava ainda reservado conhecer a mão que os trucidava; conhecer o vingador que, qual espectro, se levantára da sepultura para destruir a sua felicidade.

Quando, terminado o ultimo exame, erão conduzidos para os seus carceres, ordenou Miranda que os levassem á sua presença. Entráráo por portas separadas, e, ao verem-se, correrão a abraçar-se; mas Miranda lançou-se como um tigre entre elles, exclamando: « Conheceis-me? »

Reconhecerão Miranda, mas não se intimidárão, porque, innocentes, esperavão que o amigo que encontravão seria o seu libertador; e a um tempo bradarão: « Pai, salvai os vossos filhos! » O nome de

pai, outr'ora tão agradável a seus ouvidos, só servia agora para augmentar a sua ira; arrojou birra de si, lançou-lhe em rosto os maiores vituperios, e assegurou-lhe que era só a sua mão poderosa que a tinha votado á morte, e sahia, dando ordem para que fôssém conduzidos á seus respectivos carceres.

Henrique, sentado na humida palha que lhe servia de leito, procurava em vão consolar-se, quando viu entrar o carcereiro com uma luz e alguns viveres. Ao enfeigar-lhes, reconheceu nelle o filho de seu antigo amo, que o protegêra em circumstancias mui criticas, e que o livrara de ser enforcado como espão.

— Senhor, disse-lhe elle, agora pagarei parte da dívida de gratidão que vos devo, ajudando-vos a fugir das mãos cruéis em que por desgraça cahistes. Deste carcere, senhor, só se sabe para morrer!

Henrique folgou muito de encontrar um amigo na sua desgraça; mas podia elle deixár Mira na mão de seus algozes? O grato carcereiro convenceu-o que não podião fugir ambos ao mesmo tempo, e prometteu-lhe conseguir a fuga de Mira, se elle annuisse ao seu projecto, com o que faria persuadir a todos que se tinha suicidado. Henrique accedeu aos desejos do carcereiro; o plano foi bem succedido, e Saint-Lorent chegou ás fronteiras, onde lhe promettêrão que sua mulher se lhe iria reunir.

Henrique e Mira forão condemnados á morte, e o tribunal fixou o dia para o auto de fé em que os seus corpos devião ser entregues ás chammas. Miranda aguardava com impaciencia o dia da execução. Desde que se publicára a sentença de morte, e que se soubera que Henrique se tinha suicidado, o somno o havia abandonado. Na vespera do dia marcado para o auto de fé, foi procural-o em sua casa uma leiga do convento das Mercês, para entregar-lhe um bilhete da abbadessa, em que esta lhe pedia que a fosse visitar incontinentem, por ter cousa de grande momento a communicar. Miranda não se fez esperar. A leiga o conduziu á grade do convento, onde lhe pediu se demorasse; enquanto ia dar parte á abbadessa. Achaudo-se só, deitou os olhos para um retrato que estava pendente na parede, e que representava uma mulher formosa com habitos de freira. O seu coração começou a bater, que reconheceu elle logo as feições, e lhe parecia que os amáveis labios ião abrir-se para pronunciar seu nome. Não sabendo se via o retrato de Mira, ou se tinha diante de si feições que de ha muitos annos não lhe éra dado ver, mal podia decidir-se, quando, tocando-o alguém no hombro, lhe perguntou: « Agrada-vos esse retrato? » Miranda recuou espantado, que atraz delle achava-se Zagurina.

— Desvia-te, feiteiceira! brada elle fóra de si, não te quero ver. Vim aqui para fallar á abbadessa do convento; como te atreves tu a penetrar neste santuario?

— Senhor, respondeu Zagurina, a abbadessa mandou que vos viesse ver, que muitas cousas tendes a explicar-me antes que ella possa fallar-vos! Senhor, continuou ella, por tudo que neste mundo ha de sagrado, dizei-me a verdade; sabeis o que é feito de Mira e de seu marido? Eu os vi como uma aparição, e depois não me tem sido possível encontral-os. Procuré-os por toda a capital, e enfim lembrei-me, e receio com muito fundamento, que

talvez cahissem nas garras do vosso tremendo tribunal.

Miranda olhou para ella com um sorriso do inferno, e disse-lhe:

— Sim! para ti estão perdidos! a minha mão poderosa attingiu os infames, e te anniquillará a ti tambem!

— Senhor, disse Zagurina em tom submisso, por esse retrato que ahí vedes, eu vos supplico me digais o crime que commetterão meus filhos.

— E podes tu ainda perguntar-me que crime commetterão, infame judia? bradou Miranda. Roubarão-me toda a minha felicidade, e só a sua morte pôde vingar-me. Ouvel! a tua filha era o objecto que eu mais amava sobre a terra, o anjo que eu adorava; mas o perdido Saint-Lorent, o único homem a quem tive a fraqueza de confiar o meu segredo, entrou como um saltador em minha casa, durante o meu infeliz captivo, e roubou-me o amor da minha noiva; ella o acompanhou, e deixou-me na pobreza, para errar por todo o mundo em busca della, e sepultar as melhores affeições do meu coração debaixo destes habitos fradescos.

— E é esse o seu único crime? tornou Zagurina.

— É um crime que clama vingança! respondeu Miranda; mas o tribunal da inquisição condemnou-os á morte porque são seus filhos, detestavel herege! O cobarde Saint-Lorent já terminou seus dias, e amanhã verás tu arder a ingrata Mira no fogo que ha de acalmar as tormentas do meu coração!

— Deus de misericordia! exclamou uma voz por detraz da grade, e Miranda viu a abbadessa de joelhos, e quasi desmaiada. Zagurina levou-o para a grade e perguntou-lhe:

— Conheces tu essa mulher? — Olhou, e viu o original do retrato; o véo do tempo, de ha muito passado, estava roto, e Miranda exclamou: « Isabel! »

— Ainda me conheces? perguntou-lhe ella; ainda te não esqueceste da fiel, da abandonada Isabel? daquella que hoje se lança a teus pés para implorar-te que salves a nossa filha?

— Meu Deus! que dizes! cala-te! bradou Miranda recuando horrorisado; cala-te! que é que proferrão teus labios?

— O mais caro, o mais sagrado segredo da minha vida! Mira é nossa filha!...

Miranda cahiu no chão, anniquillado.

— Quando me arrancarão, continuou Isabel, do retiro em que viviamos, trouxerão-me para este convento. Aquí nasceu a tua filha, e aqui fui eu obrigada a professor. Confiei o penhor do nosso amor á minha fiel Clarita. Ella o educou com a ternura de uma mãe. Disfarçada em judia, levou nossa filha em sua companhia, e foi procurar-te, para ver se eras digno della, e confia-la a teus cuidados. Depois de correr toda a Hespanha e grande parte da França, foi encontrar-te gravemente ferido, e deu-te Mira por enfermeira. A voz-da natureza fez-se sentir; affeição-te-te a Mira, e a imprudente Clarita deixou-a em teu poder e veio ter commigo. Durante esse tempo, exaltarão-se as tuas terriveis paixões... furtaste a tua propria filha!

— Oh! Céus! para que me occultaste tu que era ella minha filha? exclamou Miranda traspassado de dor.

Clarita, que tinha sahido para despir os trajos de judia, entrou então com habito de leiga, e dirigindo-se a Miranda, disse-lhe:

— Não vos lembrais da maneira por que metti o anel de Isabel no vosso dedo? não vos recordais do muito que vos pedi, quando supuz ser chegada a vossa ultima hora, que me confessasseis onde estava minha filha, e do quanto procurei despertar em vosso coração lembranças do passado?

Mas vos arrojastes para longe o retrato de Isabel, e quereis assassinar-me! Pedi então a Deus que terminasse vossa existencia no campo da batalha! O Céu pareceu ouvir-me; vi-vos cair! Não houve perigo que me estorvasse de ir procurar-vos entre as fileiras da morte, para declarar-vos o segredo do nascimento de vossa filha, e pedir-vos me dissesseis onde ella estava. mas já tinheis perdido os sentidos, e o inimigo vos levou. Eu mesma fiquei prisioneira até á paz; publicada esta, voltei á Hespanha, e, com grande admiração minha, vim achar-vos aqui, coberto com esses habitos fradescos. Tudo poderia ter terminado felizmente, pois a sorte conduziu tambem para aqui vossa desventurada filha; mas, ahí! no mesmo momento em que tratava de reuni-vos, era Mira condemnada á morte por seu proprio pai!...

— Oh! meus filhos, meus innocentes filhos! exclamou Miranda na maior desesperação: sim, eu amava, eu idolatrava essa menina sem conhecer a origem dessa affeição; hoje a vejo claramente; contemplava eu nella a joven imagem de Isabel!

Isabel pedia a Miranda que salvasse os dias de sua filha; mas Miranda, com os braços cruzados e a cabeça cahida sobre o peito, soluçava, chorava, regava o pavimento com as suas lagrimas, e não podia proferir palavra. Isabel pediu-lhe que arriscasse mesmo a sua vida para salvar a de sua filha. As suas faculdades parecêro reassumir, afinal, toda a sua energia: « Ou eu a hei de salvar, exclamou elle, ou perecer com ella! » — E, sem dizer mais palavra, yvou do convento ao palacio da inquisição.

Pallido e desalinhado, entrou na camara do inquisidor-mór, onde sempre tinha livre accesso, e pediu-lhe uma audiencia particular. O inquisidor accedeu ao seu pedido, admirado de vel-o, habitualmente insensível e taciturno, em tão violenta agitação de espirito. Desde que o amor paterno se tinha apoderado de sua alma, e que trabalhava elle por salvar a vida de uma filha; mudara-se a sua natureza, e os sentimentos mais puros o animavão. Referiu ao inquisidor-mór as principaes circumstancias de sua vida, sem o menor disfarçê, e accusou-se de ser o unico criminoso. Acabada a sua narração, apertou-lhe o velho inquisidor a mão e disse-lhe:

— Desventurado pai! ainda assim, a tua filha morrerá!

Miranda abraçou-lhe os joelhos, e, com palavras arrancadas do coração, implorou-lhe que salvasse sua filha! mas o juiz conservou-se inexoravel.

— Pronunciada a sentença pelo nosso tribunal, nada ha no mundo que a faça revogar! respondeu o inquisidor levantando-se. Vós mesmo accusastes vossa filha: reconhecei nisso as sabias disposições do Céu. A sua morte será a expiação dos vossos peccados e dos peccados de Isabel.

— Veneravel padre! bradou Miranda, se cumpre sacrificar uma victima, deixai-me morrer.

— Não! que ainda não terminarão as tuas provações. Se tua filha é pura e innocente, com mais resignação deves ver terminar seus dias. Houve

tempo em que eu julguei a morte um castigo, mas hoje conheço que é somente o caminho por onde se passa da escuridão para a claridade, os raios do sol, que fazem cahir a fructa madura.

Miranda viu que era impossível salvar sua filha. A dor que o acabrou havia succedido a ira a mais violenta. Arrancou do seio um punhal, e jurou que morrerião todos os que o rodeassem antes de perceber sua filha pela mão do algoz. O inquisidor deixou-o, depois de ameaçal-o com a sorte da filha, e ordenou á sua gente que o vigiasse, e lhe não permitisse entrar no palacio da inquisição enquanto não estivesse terminado o auto de fé.

Não podendo salvar a filha, nem ao menos vel-a, foi ter Miranda com o confessor que devia acompanhá-lo ao supplicio, contou-lhe o segredo da sua historia, pediu-lhe que a referisse á sua filha e que a reconciliasse com seu desventurado pai. O padre prometeu tudo o que elle pediu, e cumpriu a palavra.

Por fim, raiou o sol que devia allumiar a horrivel scena de morte! A córte hespanhola, em grande gala, e a maior parte da população de Madrid, estavam reunidas na praça da inquisição, para assistirem á tragedia. Os truculentos juizes occupavão os seus logares, e o mesmo Miranda estava presente. O velho inquisidor, julgando que o pai tinha vencido a sua fraqueza, recebeu-o com um sorriso. Dada a

hora, aproximou-se a procissão, escoltada por grande força militar; no centro vinhão os sentenciados, marchando em tetrico silencio: o ultimo era mulher, e ja levada por dous familiares, que o seu estado de fraqueza não lhe permitia caminhar só. Era Mira. Mas, mal tinha chegado ao logar em que estava Miranda, arremessou-se este por entre os guardas, qual leão determinado a defender os filhos; derribou os familiares, tomou Mira nos braços, cortou pelas alas da tropa; e, mettendo-se entre o povo, bradou-lhe que a salvasse das mãos do algoz. Mas a tímida plebe não se moveu. Os guardas, á voz do inquisidor-mór, penetrarão por entre o povo, e tentarão separar o pai da filha. Mas as delicadas mãos de Mira estavam erayadas no pescoço do pai. Com voz sumida disse-lhe ella: — Matai-me! ah! matai-me, meu pai!

Miranda imprimiu-lhe na pallida testa o seu primeiro, o seu ultimo beijo paternal, e, pegando do punhal, embebeu-o na tremula victima até o coração! Mira cahiu! Do seu ensanguentado corpo foi arrancada outra victima, que, desesperando de a ver salva, resolvera perecer com ella, e chegára a tempo de presenciar a triste catastrophe de uma filha pedindo a morte como um bem da mão daquelle que lhe déra a vida!

(Monthly-Magazine.)

POESIA.

À MIMOSA SINHA.

Horas péneveis, horas tormentosas
Eu não gemêra, não chorára — rouco —
Longe..... tão longe das irmãs mimosas,
Se eu morresse inda ha pouco.

De ais pungentes exhalar — constante —
Já não tivera o coração tão ouco,
Se ao nada eu fosse no mais breve instante,
Se eu morresse inda ha pouco.

De Marília infida o cruel rigor
Eu não provára em desespero — louco —,
E só da morte sentiria a dor,
Se eu morresse inda ha pouco.

Rio, 14 de Abril de 1854.

É SINHA.

Quem neste mundo só terá meu peito —
Inteiro — aos mimos seus escrawisado,
Em cumprir seus mandatos satisfeito?
E' Sinhá.

Quem faz-me gemer tanto e suspirar,
A's minhas dores surda? Quem — ingrata —
Com igual extremo me não sabe amar?
E' Sinhá.

Quem na terra vasta — para mim mais bella
Eu conheço, eu adoro, eu rendo cultos,
Cultos de coração? Quem será ella?
E' Sinhá.

Por quem — gostoso — os ares beberei?
Por quem viver desejo, viver quero?
Por quem a vida aiud'assim darei?
Por Sinhá.

Rio, 15 de Abril de 1854.

A HARPA.

A harpa dizem que é o instrumento dos anjos. Eu creio. É o instrumento mais nobilíssimo que conheço, e aquelle som melancólico que se desprende de suas cordas, toca-me todas as fibras do peito, ameiçga-me o coração, prende-me a voz, namobilisamente o olhar, suspende-me a respiração, enlamece-me a vista, inutilisamente os gestos, toma-me a palavra, arrebatada a alma, extasia-me o pensamento! Oh! é bem verdade que a harpa é o instrumento dos anjos. E talvez a seu som que a virgem embalsou seu filho, que Deus descauça de sua fadiga interminável, foi sem duvida ao seu som que Deus formou a mulher! A mulher que é o mais bello pensamento de Deus, a nota mais doce do coro de seus anjos, o verso mais doce da poesia da natureza, o canto mais perfeito da epopeia do mundo. Eu não sei que mysteriosa harmonia existe para mim entre a mulher e a harpa! Oh! é que a mulher é a harpa do poeta. Ao desferir de suas cordas elle sente o coração palpitar-lhe arduo, seus dedos tímidos estremecem a seu contacto, um véo de languidez cobre-lhe os olhos, sente a alma refluir-lhe inteira aos labios, e elle a deposita n'um beijo respeitoso e casto aos pés desse instrumento melodioso, tão puro e delicado como se fosse feito para as mãos de Deus!

E' que o poeta é um composto de sensações, um typo de pureza quando se comprehende, uma harmonia de sons, uma melodia de pensamentos, uma divindade quasi! Mas a harpa tocada muitas vezes fere por fim os dedos que a desferem. E' como uma rosa ciumenta que guarda com seus espinhos o perfume de suas pétalas, e para que ella não tenha espinhos como a rosa de Bengala, é preciso, como o disse um poeta, que não tenha pudor nem perfume!... Assim a mulher tocada muitas vezes pelo poeta acaba

por ferir o com as setas de sua ingratidão, sente-se como a harpa, e irrita-se como a rosa. Mas a harpa e a rosa ferem somente os dedos que a tocam, e ella fere o coração e a alma dos poetas, porque estes tocam-nos somente com as cordas do sentimento (deixam-me dizer) que são os dedos do poeta. A mão pôde quebrar-lhe uma corda, pôde marear-lhe o brilho, mas o coração excitado, pôde apenas sensibilisar-lhe a compaixão.

Eu tenho cá para mim que a mulher é como uma imagem pura e lúcidia a quem os fumos do incenso acabão por furtar-lhe a pureza e desmaiar-lhe o brilho. E no entanto eu amo a harpa com suas susceptibilidades, a rosa com seus espinhos e a mulher com seus rigores. Quando a harpa desprende uma nota eu tenho vontade de identificá-la com ella e subir queim sabe? para os céos. Quando sorvo um perfume de rosa, parece-me que o coração embriagado perde-se com elle na amplidão do espaço, e quando meu sentimento estremece ao rigor de uma mulher sinto um beijo saltar-me aos labios para apagar-lhe o calor? no entanto a nota que foge, deixa-me uma saudade, o perfume que se esvai, uma recordação extatica, e o rigor que me fere, um desejo por satisfazer.

Mas amo a harpa por que é um instrumento de melodias, a rosa porque é um vaso de perfumes embriagantes, e a mulher, porque nella vejo resumido todas as perfeições da natureza, vejo o Céu em seus olhos, a noite ou a aurora em seus cabelos, a graça em seu riso, o encanto em sua voz, o perfume em seu seio, a harpa em seu coração, a rosa em seus labios, e o bello por toda a parte!

D.

HISTORINETA.

Não ha ainda quinze dias que uma linda e seductora menina realizou o seu mais bello pensamento — casar-se com o seu amante; aquelle — a quem ella havia jurado amor, dando-lhe em penhor um coração de 16 annos, todo elle paixão.

Como não se terão passado estes dias? As venturas da lua de mel hão sido gozadas com toda a embriaguez de uma paixão amorosa. Uma noite destas porém ella tinha esgoado todo o calix dos prazeres. Sua voz melodiosa já se tinha feito ouvir n'uma bella aria da opera *Sapho*: as mais ternas e apaixonadas musicas tinhão sido executadas sobre o teclado de Erard; o colloquio mais amoroso tinha tido lugar, quando de repente um amigo appareceu a fazer uma visita a mais importante. Nesta bella quadra da vida, o viver só dos dois amantes é em que consiste a belleza da lua de mel. Troceados os cumprimentos, appareceu uma aborrecida conversação. A noite longa, como já é, corria vagarosa, e a terna esposa propoz o jogo de cartas para matar o tempo; a visita porém não sabia jogar.

— Tanto melhor ver-nos-ha jogar o *carté* com meu marido.

— Aceito o desafio, respondeu este.

— Mas a minha moeda para o jogo são abraços e beijos.

— Também aceito a moeda; a difficuldade será escripturar o *debito* e *credito*, para o final pagamento.

E começou o jogo; apostava-se abraços e beijos: a bella menina ganhou grande cabedal desta desejada moeda, pois que passara mais de seis partidas, e fiada na fortuna que a favorecia, dobrava o preço das apostas. Tocou as cartas ao marido que lhe perguntou quanto parava.

— A' paz de tudo que me deve, lhe respondeu ella com uma graça seductora e apaixonada.

— Não tôpo tanto, lhe tornou elle, largando as cartas; desta maneira ver-me-hei obrigado a fazer banca rita.

O cavalheiro visitante, que tinha siêo méro espectador de toda esta scena, tomou as cartas, entregou-as na mão do marido, e disse-lhe assim com ar de sonso.

— Faça, faça a mesa toda, meu caro amigo, eu levo amateada da aposta!

— Nada, nada, não é necessario o seu auxilio financeiro, lhe disse ella; desisto do jogo; e abeito uma letra de debito para ser paga á vista.

Neste momento foi servido o chá. A visita depois retirou-se; e a divida seria paga? Talvez que não,

isto de dividas de jogo não bem difficil de ser cobradas. Se eu fosse a credora exigiria logo o pagamento, muito mais sendo casada ha poucas dias.

Mariquinhas.

CORREIO DOS SALÕES.

Se algum lembrasse perguntar — qual a coisa mais trabalhosa e mais difficil do mundo — outros que não eu vacillariam na resposta; porque a minha seria prompta; porque eu diria com toda a força da convicção — a coisa mais trabalhosa do mundo, é andar um filho de Christo em busca de reunir factos dispersos, para compôr uma chronica; e a mais difficil é fazer esta chronica agradável, quando os factos colhidos são poucos e sem importancia.

Um chronista quasi sempre se acha, como se diz, *em mare de vantate*, sem ter o que mencionar; mas em compensação, algumas vezes, elle se vê rodeado de tanta coisa importante, que mal pôde decidir-se por qual começar; e doe-lhe tratat-as em tão apouquinado espaço, como é o de que dispomos.

Nesta colisão me acharia eu agora, se dotado como sou de um requintado *sans-façon*, não fosse marchando cá por onde me dá a cabeça, sem me importar, com o que possão dizer de bem ou de mal, sobre a minha decisão, pois penso que: é mais que tolo quem dá ao mundo satisfações. Assim pois comoço hoje fallando-vos das corridas que tiverão logar no Prado Fluminense — domingo 4 do corrente.

Se me fosse permitido, por um instante, penetrar no intimo d'alma de muitas das minhas bellas leitoras, eu ainda acharia, talvez ahí, mal apagados traços dos sustos e receios que a chuva e o máo tempo de sabado lhes causarão — mais facilmente se apagaão da superficie da terra os signaes de desordem e profundos abalos que tenha produzido um medonho cataclisma, do que se riscão do coração de uma moça as impressões tristes, causadas pelo receio de perder um baile, um theatro, uma corrida, um divertimento emfim porque tomassem interesse — e não é possível que as minhas leitoras se não interessassem vivamente pelo divertimento que lhes promettião as corridas dos *gentleman-readers*. Ali se reuniu uma sociedade numerosa, bem escolhida e elegante, que procurava no campo beber as impressões que são filhas do campo, que só no campo se bebem; porque o campo é o reino da poesia, e essas impressões são a poesia; a poesia da innocencia que enche o coração de um sentimento indifluvel, que povôa a imaginação de imagens angelicas, que inspira á intelligencia pensamentos divinos, e que roimpendo, como por magia, os frageis laços que prendem a alma ao corpo, a arrebeta para uma região elevada a ouvir os canticos dos anjos junto ao throno do Senhor. Sim, o campo é a sombra do Céu, e os filhos do campo são os filhos de Deus: mais voltemos ao que importa.

No meio de um sem numero de bellezas que atrahião as vistas e fazião saltitar os corações de tantos jovens que ali se achavão, como se achão em toda a

parte, onde se vennom moças, fazia-se notar um grupo de lindas moreaninhas que tinhão entre si uma bella carinha de jaspe, com laços e boca de carmin — erão, assim reunidas, um elegante *bouquet* de lindas camelias encarnadas, tendo em seu centro um rico botão de jasmim — era um grupo digno do pincel de Rafael, Miguel Angelo, ou Tessiano. Quanto era bella uma destas moças na simplicidade do seu trajar, que mais fazia realçar suas graças naturaes, na naturalidade de suas maneiras, na doçura de sua voz e na viveza do seu olhar!! Se a visse um pagão a chamaria deusa; se um christão a contemplasse a julgaria um anjo — anjo de belleza e simplicidade que faria crêr em Deus, ao mais enraizado atheo.

Como outra dellas se tornou mais interessante, e se é possível mais bella, no prazer de sua alma, que lhe rebentou em convulsões nervosas pela victoria de um seu mano!!

Oh! como é feliz quem tem uma maninha limpa e innocente, que derrama lagrimas de prazer ao menor triumpho, á mais leve satisfação do mano idolatrado?!

Erão dez horas e meia quando chegarão SS. MM. II. e em seguida começou o tal baile de corridas.

Nada houve ahí de importante, porque em taes casos, o que ha de mais importante é uma *quedinha*, que sempre desafia hilaridade, e todos os campeões tiverão o máo gosto de se segurarem como cavalleiros mestres — papalvos que forão, pela maior parte, que nem ganhãrão premio e nem quizerão fazer rir a tanta gente, e principalmente a tanta moça!! Que maior premio quierão elles?

A fortuna, que tanto tem perseguido os estudantes de medicina com os novos estatutos, que lhes não deixa tempo para comer e nem liberdade de fallar, favoneou-os esta vez nas pessoas de dous quarto-anistas que se achavão entre os corredores e que forão ambos victoriosos.

Terminadas as corridas, passou-se á distribuição dos premios, que a meu vêr foi mal regulada, não só por darem o terceiro a quem, de direito, competiu o primeiro, como tambem porque ninguém melhor que as pobres moças, que aguentãrão toda a maçada de pé, merecião premios; e entretanto nem agua tiverão, para lhes mitigar a sede horrivel, que, como uma peste acommetteu a todas. Coitadas! vão apprendendo que cá no mundo das miserias os innocentes tambem soffrem.

A volta foi como é toda a volta de alguma festa. As minhas leitoras, melhor do que eu, sabem isto como se faz e como acontece sempre — nesta não houve variedade.

Maçada da vida, sonhando sempre com a reunião

do Prado, eu fui dois dias depois vêr se me divertia um pouco no Campo de Santa Anna, que me dizião estar importante, com as suas barracas e festa do Espírito Santo. Gente vi eu muita reunida, mas não sei porque não achei graça na tal reunião; talvez fosse isso devido a estarem ainda muito vivas as impressões da primeira; o que é certo, é que não tive forças para esperar pelo logo, que me dizem não estleve não, porém também não estavam más as barracas e a festa, e entretanto eu as achei pessimas — isso que se diz não vale nada por que se diz muita coisa que não é.

Mas deixemos o campo, que além de não offerecer interesse, já é muito conhecido das minhas leitoras; e vamos entrar nos nossos dois theatros que desta vez reclamão altamente nossa attenção. Como vi-nhamos do campo entrámos no Provisorio que nos ficava mais perto. Entrai, minhas leitoras, não tenhais receio: é falso, falsissimo que o theatro esteja para cahir, o systema das *thesouras* ha de com a graça de Deos preservar-nos desse susto. Que bella noite a de quarta feira! A *Lucrecia Borgia*, essa inspiração divina do poeta das *contemplações* que anda chorando no desterro o crime das aspirações de sua alma! Esse pensamento artistico que foi nas mãos de Donizetti moldar-se nas melodias do canto, na harmonia das notas, no sentimento do coração, na elevação do espirito, no extasi da alma! E, em fé da verdade a *senhora* Maffio Orsini comprehendeu perfeitamente o seu papel, elevou a sua voz até a altura do pensamento do poeta artista, até o mystico da melodia do poeta musico! Os demais actores desempenhárono cabalmente os seus papeis. E' pena que o theatro esteja tão escuro, porque por mim confesso que se não fossem os olhos de uma linda estatua de alabastro de um dos camorêes da primeira ordem, não veria coisa alguma. E nem penseis que era uma estatua sem vida, como um corpo sem alma. Não, ella tem a vida a respirar-lhe na luz de seus olhos,

no divino de suas feições, na côr de suas faces, nas rosas de seus labios, no esbelto de seu talle, em seus sorrisos melancolicos, na graça de seus gestos, e ha de também respirar-lhe no eucanto de sua voz, no perfume de seus cabellos, na magia de suas fallas, na serenidade de sua alma, na pureza de seus pensamentos, na harmonia de seu canto! E' um aujo do Céu que veio perflumar com seu halito as flores de algum paraizo terrestre. Ah! se eu fosse um paraizo, se eu fosse uma flor! E ella quizesse embriagar-me com seus perfumes — adormecer-me com seus cantos!...

Visteis os Funambulos, minhas leitoras, são excellentes, o Sr. e a Sra. Watrigant executão soberbamente seus exercicios gymnasticos e equilibristicos, não percais todas as vezes que os poderdes apreciar, idé ao theatro de S. Pedro, porque assim abrihantareis os seus jogos, e dar-me-heis occasião de ver-vos sem ser visto. Esta quinzena foi rica, minhas leitoras, embora vos dissesse a principio que a coisa mais difficil que ha é colher facios para uma chronica, desmenti minhas proprias palavras, apresentado-vos esta. O beneficio de M.^{mo} Kastrupp, leve logar quinta feira; a Sra. Casoloni ainda uma vez deu provas de seu talento na *Cenerentola*. De bailes, minhas leitoras, é que não fomos mimoseados. A febre do Espírito Santo deu apenas para corridas, barracas, fogos, espectaculos de todo o genero, mas esperemos que a febre dos bailes ha de vir também por sua vez acalorar vossas faces, estremecer vossos peitos, doudejar vossas valsas, palpar vossas arterias, e como sombras de nevoa, envoltas em vossos vestidos brancos, deslisareis a superficie dos salões, ou melancolicas e candidas a chorar recordações ou despeito, saudades ou queixas, como lindas *angelicas* a se espelharem nas aguas de seus vasos de crystal.

O Beijamin.

Anecdotas.

No tempo em que os protestantes erão perseguidos em França, um embaixador de Inglaterra pediu a Luiz XIV, em nome do seu rei, a liberdade de todos os prezos que estavam nas galés por motivos de religião. « O que diria o rei da Grã-Bretanha, lhe perguntou Luiz XIV, se eu lhe mandasse pedtr todos os prezos de Newgate? (prizão dos ladroes e malfeteiros em Loudres) — Senhor, replicou o embaixador, o rei meu amo vol-es concederia, se V. M. os reclamasse com seus irmãos. »

Em uma assembléa legislativa, n'um dia de sessão um pouco tumultuosa, queixava-se um deputado dizendo: « E' notavel falta de ordem! Ninguem se pôde entender na sala; não se ouve nada: tenho já volado três vezes sem saber sobre que. »

Decisão de um rustico.

Tres theologos disputavão sobre a vida de Jesus Christo, analyzando varias e mysteriosas passagens da sua vida. Um rustico, que nem sabia ler, mas estava presente, quiz também entrar na conversa, pedindo-lhe que lhe dissessem: *para onde ia Jesus Christo quando tinha doze annos?* Reflectirão os theologos um pouco, e discordarão. Um disse que para Jerusalem — outro para Nazareth — e o terceiro para Theberidades. O rustico replicou, vista a discordancia — que elle sabia muito mais que todos os tres, porque era capaz de dieldir a questão com toda a justiça. Rogarão-lhe os theologos, que se explicasse. — « Senhores, diz o rustico cheio de orgulho, quando Jesus Christo tinha doze annos, ia para os treze. »

A charada do n.º 23 é: *Desprezo.*

